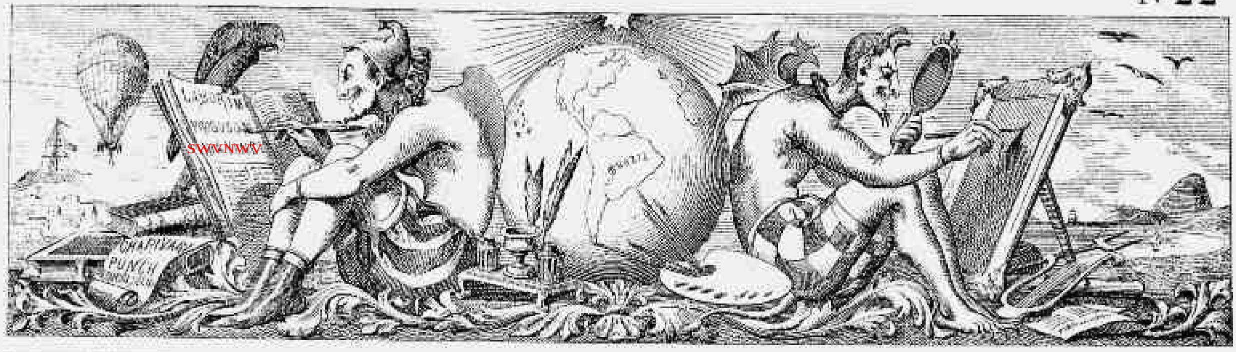
Assigna-se R. do Ouvidor N°153 e Ajuda N°16

A COMEDIA SOCIAL

HEBDOMADARIO POPULAR SATIRICO

Anno I — N°22



Advertencia

[illegible] Comedia Social [illegible]

Preço das Assignaturas

CÔRTE E NICTHEROY		Para as Provincias	
Anno	8$000	Anno	10$000
Semestre	4$500	Semestre	6$000
Numero Avulso	200		

Programma

A Comedia Social [illegible] direcção do povo [illegible] intellectual e moral [illegible] discutir [illegible]

O Brasil continúa na mesma: sempre entregue, corpo e alma, ás duas mais illustres e inseparaveis personalidades da terra.

A COMEDIA SOCIAL

RIO DE JANEIRO, 30 DE JUNHO DE 1870.

Cartas de Mustapha Rub-a-dub Keli Khan.

Por WASHINGTON IRVING.

IV.

A Asem Hacchem, o principal guarda de escravos de sua alteza o pachá de Tripoli.

Em torno de mim condensam-se as profundas sombras da noite; na rua passaram as pisadas dos transeuntes, o musa alguma perturba o sagrado silencio d'esta hora; não sinto o som dos tambores longinquos reunido aos vivas, aos berros e aos gritos discordes de sua magestade, a canalha soberana.

Seja este momento dedicado á amizade, e consagrado a ti, oh irmão do mais intimo da minha alma!

Oh, Asem! quasi me encolho de horror com a recordação das scenas de confusão, de desorganisação licenciosa que tenho testemunhado durante os ultimos tres dias.

Tenho visto toda esta cidade, ou antes todo este estado á mercê da lingua e da penna; isto é, entregue aos pomadistas, aos berradores, aos barbeiros e aos cães ruminadores de giria.

Tenho visto o corpo social em convulsões com uma guerra civil ou palanfrorio dos cidadãos; individuos assassinados verbalmente, familias aniquiladas por folhas de papel cheias de artigos, e ruminadores de giria molhando a sangue frio as pennas em tinta, e regozijando-se com a carnificina de milhares dos seus semelhantes.

Tenho contemplado, em summa, esse tremendo despota, o povo, nos seus momentos de poder illimitado, agitando gazetas em uma das mãos, e com a outra atirando lama e lixo em redor de si, semelhante a um doudo varrido que tenha escapado da camisola de força.

Tenho visto pedintes a cavallo, biltres de carruagem e cerdos sentados em lugares de honra!

Tenho visto a liberdade! Tenho visto a igualdade! Tenho visto a fraternidade! Tenho visto o grande espectaculo politico de titeres—uma eleição.

Ha alguns dias o amigo a quem tenho mencionado em algumas das minhas cartas anteriores, veio buscar-me para acompanhal-o e assistir a esta grandiosa ceremonia: sahimos immediatamente e fomos aos chamados collegios eleitoraes. Embora não se fallasse em outra cousa algumas semanas antes d'este esplendido espectaculo, asseguro-te que ignorava completamente como era; e quando, ao chegarmos á igreja, o meu companheiro informou-me que estavamos no collegio eleitoral, suppuz ser a eleição uma grande ceremonia religiosa, como o jejum de Ramadan, ou a grande festa de Haraphat, tão celebrada no Oriente.

O meu amigo, comtudo, desenganou-me logo, e começou uma longa dissertação sobre a natureza e o objecto de uma eleição, dissertação cuja substancia era pouco mais ou menos a seguinte:

« Você sabe, » disse elle, « que este paiz está empenhado n'uma violenta guerra interna, e soffre muitos males provenientes de dissensões civis. Uma eleição é a grande experiencia de força, a batalha decisiva, em que os belligerantes estendem a sua gente em linha de combate, e cada chefe, abrazado de bellico ardor, e animado pelos vivas e pelas acclamações de maltrapilhos, bobos, dependentes, parasitas, sevandijas, pobres diabos, vagabundos, lambe-pratos, biltres, capangas e mendigos na retaguarda, e ... emphaticamente pelos ruminadores de giria que deitam os bofes pela bocca, desfralda ... ao vento as bandeiras do partido, e marcha á frente para conquistar empregos e ... .

« ... dous antes do periodo critico que deve decidir d'este importante negocio, entra em fermentação todo o corpo social. Cada homem, qualquer que seja a sua posição ou cathegoria, (tal é o maravilhoso patriotismo do povo), desinteressadamente abandona os seus negocios para dedicar se ao seu paiz; e o mais insignificante troca-tintas sente-se animado de tanto calor em favor da causa por elle esposada, quanto elle manifestaria se do resultado dependesse o conforto de toda a sua vida, ou ainda a sua existencia. »

(*Continúa.*)

RECADOS DOS AMIGOS

Carta de S. Paulo.

S. Paulo, 23 de Junho de 1870.

Caro Redactor: — Já era tempo que se fizesse a luz sobre o monopolio dos *legistas*. Aqui nesta capital, verdadeiro centro de suas ambições, as posições mais pequenas são por elles occupa las; e ultimamente invadiram os postos da guarda nacional, occupando até o de Alferes.

Nas repartições publicas, apenas apparece qualquer vaga, por mais insignificante que seja, logo um turbilhão de bachareis em direito se apresentam candidatos, preterindo os demais empregados, que por sua honradez e antiguidade fizeram-se dignos.

Desconfio que na organisação do Corpo de Policia sejão as vagas preenchidas pelos bachareis, com preterição dos Voluntarios da Patria, o que não será para estranhar, quando já nomearam Tenente Coronel, commandante de um dos corpos de voluntarios, a um bacharel em direito, o qual (já se sabe) na occasião de marchar, teve o bom senso de pedir demissão para não sacrificar aquelles bravos. O actual Presidente da Provincia, legista de pequena esphera, tem conferido aos taes legistas diploma de Engenheiro, empregando-os na construcção de vias de communicação como inspectores de estrada, e pondo á sua disposição quantias não pequenas, para serem gastas a seu bel-prazer; para elles os exames de contas,—é nenhum,—e para os engenheiros, toda a fiscalisação é pouca, apezar de contarmos hoje com um pessoal honesto e intelligente.

O Engenheiro Ribeiro ao serviço da provincia acaba de ser demittido por ter explorado os terrenos de um legista, dirigindo para alli seu traçado para uma estrada. O engenheiro sendo injuriado por esse legista pela imprensa, achou prudente o actual Presidente mandar ouvir outro legista, o Juiz de Direito de Campinas, sobre o traçado do engenheiro, e sem audiencia do Inspector Geral das Obras Publicas demittiu-o.

O Inspector Geral das Obras Publicas não é mais do que um— manequim — da Presidencia que verte-o conforme quer. A's vezes entendeu a Presidencia que devia entrar na grande—patota—da estrada de ferro de Mogy-das-Cruzes de parceria com outro legista; e para esse fim era necessario desprezar os trabalhos da nova estrada de rodagem a cargo do Engenheiro Porfirio; não duvidou, pois, S. Ex. em sua alta sabedoria ordenar ao legista Dr. ... que se dirigisse áquelles trabalhos, e examinasse se convinha sua continuação. O legista encarregado, de um lance de olhos, decidiu *a priori* que seria asneira continuar-se na confecção de uma estrada de rodagem. O engenheiro foi demittido, os trabalhos cessaram, e gastou a Provincia não pequenas sommas, concedendo-se um privilegio na importancia de cinco mil contos para uma estrada de ferro, a um legista encapotado e Deputado Geral. Dizem que esse—presente renderá cincoenta contos.

Tambem dizem que a obra do encanamento do ribeirão da Cantareira será dada a um legista Deputado Geral, de sociedade com um engenheiro inglez, pela quantia de 650:000$000, cuja recompensa será de vinte contos de réis.

Os taes fazedores de leis formularam na Assembléa Provincial um orçamento fabuloso, cheio de patotas, que não corresponde á receita da Provincia, desejando ver um deficit de dous mil contos.

Eis o patriotismo dos taes legistas; no entanto os projectos apresentados na Assembléa para colonisação, instrucção publica, e escola agronomica, foram condemnados á morte; felizmente os nossos caipiras vão comprehendendo que o atraso do paiz provém dos taes senhores legistas, que em tudo especulam, até com o nosso monarcha; porém, nós caipiras dizemos—estão verdes.

Meu redactor — pela segunda missiva serei mais extenso.

O Caipira.

Club das reformas essenciaes.

Ha doudos que vendem sizo, e ha grandes verdades que por escabrosas são tomadas em conta de doudices.

Exemplo: o senhor Manoel dos Desenganos, e a sua idéa, de que vou dar conta.

O homem em scena antes de tudo.

O Sr. Manoel dos Desenganos é politico aposentado sem vencimentos no thesouro; portanto é obvio que não é sobrinho, nem primo dos ministros.

O Sr. Manoel dos Desenganos foi deputado no primeiro reinado, e no tempo da minoridade, foi compadre do Vasconcellos, e do Feijó: o senhor visconde de Abaeté o conhece muito, e o senhor visconde de Sapucahy igualmente: foi republicano, revolucionario duas vezes, (na ultima era inseparavel do Sr. conselheiro Torres Homem na sociedade dos invisiveis) e teve na cadeia em 1842 por crime politico, sahiu da cadeia conservador, adheriu á conciliação, passou a progressista, ligou-se á opposição dos historicos, foi tres mezes absolutista, em 1861 radical cabelludo, e no fim do mesmo anno declarou-se politico aposentado.

O Sr. Manoel dos Desenganos viajou por todos os partidos sem interesse, e sómente em procura da verdade, que nunca encontrou; mas agora pretende tel-a descoberto no retiro da sua aposentadoria.

Ha dias poz-se a ler periodicos e relatorios de ministros e vio que rompia grito geral de reformas, o que prova a podridão do que existe: Club da Reforma, pedindo com o programma do Centro liberal reforma judiciaria, do systema eleitoral, da guarda nacional, da centralisação, do elemento servil, etc.;—Ministro do Imperio propondo reforma dos frades, reforma dos casamentos, reforma disto e daquillo; — os conservadores reclamando reformas do que os liberaes querem reformar;—os radicaes proclamando a reforma da raiz, etc.

O senhor Manoel dos Desenganos atirou com os periodicos e com os relatorios fóra, desenfreou enormes gargalhadas e finalmente disse:

— Tudo isso dá em nova reforma de seccos e molhados, ficando a venda tal e qual como era antes.

E poz-se a roer as unhas por amor da patria, menos afortunado do que muitos que roem o thesouro sem amor da patria.

Mas o Sr. Manoel dos Desenganos tanto roeu que fez furo.

Não gritou eureka! mas sentou-se á mesa e escreveu.

Ainda Reforma!... o Sr. Manoel dos Desenganos também é reformista!...

Eis aqui o plano que elle concebeu, escreveu, e está procurando realisar.

Club das Reformas Essenciaes.

Em bem da patria e da humanidade brasileira é fundado o Club das Reformas-Essenciaes debaixo das seguintes bazes:

Artigo Unico: O Club das Reformas-Essenciaes reconhece que a salvação do Brasil depende principal ou exclusivamente da « Reforma do caracter dos homens », e proclamando esta necessidade, e empenhando-se em satisfazel-a, compõe-se de membros, que para sel-o, tem de provar que estão em verdadeiro empenho e são capazes de reformar-se:

1.° — Sabendo conhecer e respeitar as noções do dever constitucional.

2.° — Tendo verdadeiro patriotismo e dignidade pessoal.

3.° — Esquecendo, quando estiverem no governo do Estado que têm irmãos, sobrinhos e primos a arranjar.

4.° — Não se grudando com avilltamento ás pastas, quando forem ministros, e sabendo deixar o poder sem saudades ao primeiro reclamo da pureza do systema constitucional.

5.° — Não obrigando a haver amo por se offerecerem para criados.

6.° — Sabendo dizer — não —, quando a consciencia lhes disser — não.

7.° — Não dizendo uma cousa nos bastidores e outra na scena.

8.° — Não deixando o povo em desconfiança da lealdade e da verdade dos factos, quando o denunciador do governo pessoal só o denuncia depois que o amo da vespera lhe negou o pão-de-ló vitalicio alguns dias depois.

9.° — Não pescando de canniço para gritar quando perde a isca.

10.° — Tendo brio, honra, coragem, lealdade «consciencia de principios antes, durante, e depois de ser ministros.

11.° — Não fazendo eleger a seus parentes, por provincias que nem os conhecem, deputados e senadores.

12.° — Cumprindo e fazendo cumprir licitamente a constituição e as leis do imperio.

13.° — Tendo as mesmas idéas tanto na opposição, como no governo.

14.° — Comprehendendo e provando por seu procedimento que não ha duas honras, dous brios, duas probidades, duas consciencias, e que o homem é na vida publica o que é na vida particular.

15.° — Não fazendo nem mantendo, quando ministros, maioria nas camaras á custa do thesouro publico, e do arranjo dos filhos, parentes e afilhados dos senadores e deputados.

16.° — Não calumniando na opposição, nem mentindo no ministerio.

17.° — Aceitando o poder, como um onus pela patria, e deixando-o como gloria pelo dever.

18.° — Sendo emfim verdadeiros benemeritos, o que quer dizer homens de honra, de dedicação e de consciencia limpa.

O senhor Manoel dos Desenganos fez ponto final no paragrapho 18° que sujeito ás leis da taboada dá em resultado de dez vae um e oito nove, nove fóra nada.

Exactamente como diz a taboada! o senhor Manoel dos Desenganos ha quinze dias que anda com o seu programma de « Club das Reformas Essenciaes », já fallou com os ministros, (excepção feita do Sr. Nebias que está em convalescença de molestia pessoal, e em articulo mortis de pessoa ministerial) já se dirigio ao Centro Liberal, e ao Club da Reforma, já procurou entender-se com os cabelludos radicaes, e ainda não achou um só, um unico dos nossos politicos que se resolvesse a entrar para o Club, que deve basear-se na reforma do caracter dos nossos homens politicos!!!

O Sr. Manoel dos Desenganos conclue que o que se quer é tal nova reforma de secos e molhados —; mas escravo ou maníaco da sua idéa, exclama como o Centro Liberal: — Reforma, ou revolução!...

E ás vezes acrescenta:

— Bem diz o meu velho amigo Visconde de Abaeté — *Como tudo isto está para acabar...*

Marido e Mulher.

Lucia, bella, encantadora senhora elegante conta apenas vinte annos e é casada com o commendador Sancho, rico negociante septuagenario, que depois de julgado morto pelos medicos, acaba de entrar em convalescença, escapando a um ataque cerebral que o deixou paralytico.

Lucilia, mãe de Lucia, chega e abraça á filha.

— Parabéns, menina!...

— Porque, mamãe?...

— Teu marido escapou, e é pouco?...

— Eu já o tinha chorado morto... ah! ser obrigada a chorar-lhe a morte outra vez... é cruel!...

— Consola-te...

— Sim, mamãe; elle ficou paralytico, e não me acompanhará, quando eu sahir...

— Menina!

— Quem se casa tão velho, que pode esperar da mulher menina?... mamãe foi quem me obrigou...

— Pobre Lucia!... mas teu marido não tinha feito testamento?...

— Tinha feito... sim...

— Estou absolvida. Espera um pouco...

No Baile.

— Que rica flor de brilhantes tua senhora traz no penteado!...

— Achas?...

— Não sei como, ganhando tão pouco, podes com semelhantes despezas. Toma cuidado.

— Não me descuido.

— Quanto te custou aquella flor de brilhantes?...

— Eu?...

— O preço...

— Ah! não sei; minha mulher disse-me que comprou-a com o fructo das suas economias.

— Então não tenhas cuidado: dorme descansado: quanto mais dormires, melhor.

Menina Parlamentar.

Em uma das ultimas noutes Dona Leocadia occupava a attenção de alguns cavalheiros e senhoras, fazendo o elogio da intelligencia e da instrucção da joven Clotilde, sua filha, que a esse tempo estava ainda dando o ultimo rhir ao seu *toilette*.

— E' uma menina, como ha poucas; não é por ser minha filha, disse por fim a afortunada mãe; é menina que aos dezeseis annos só acha prazer e encanto nos livros scientificos, e nos fulgores da intelligencia...

— Que thesouro é a filha de V. Ex.ª!...

— Querem ver uma amostra do que é Clotilde?... dentro de vinte dias já me obrigou a leval-a seis vezes á galeria das senhoras na camara dos deputados para ouvir a eloquencia daquelles homens...

— E ella então?...

— Fica tão embebida que parece magnetisada.

Nesse momento entrou na sala Dona Clotilde, e foi recebida com thurificações dos homens, e beijos e abraços das senhoras.

Dona Clotilde era ingenua a transpirar a ingenuidade até pelas pontas dos dedos.

Um cavalheiro perguntou-lhe:

— Minha senhora, qual é na opinião de V. Ex.ª o melhor orador da camara dos deputados?...

— O melhor orador?... disse Dona Clotilde; o melhor orador é um deputado moço, de barbas inglezas, que ainda não fallou.

O QUE VAI POR AHI

Não têm sido grandes as novidades d'estes ultimos dias.

Na rua do Ouvidor, o grande centro da palestra fluminense, continuou-se como sempre a fallar mal da vida alheia e a tratar de questões de alta politica, com grande satisfação dos alfaiates francezes, que n'essas reuniões são sempre ouvidos como oraculos pelos basbaques boquiabertos.

Depende de muito pouco ás vezes a felicidade do homem n'este mundo. Quantos peralvilhos não se consideram no apogeu da ventura, quando recebem um aperto de mão de um confeiteiro francez, ou quando algum alfaiate-remendão da mesma nacionalidade investiga e discute com a maior seriedade se Napoleão deixou crescer o bigode em Santa Helena.

*
* *

A vida de um peralvilho reduz-se a pouca cousa. De manhã cedo logo ao acabar de almoçar, vae para a loja de algum credor, e lá encostado a uma porta entretem-se a ver passar gente. Pelas onze horas da manhã dá o rapazola um giro pela rua dos Ourives, e depois de levar algum tempo estatico diante das vidraças de Mme. Thereza, exclamando ao contemplar qualquer bugiganga: — « São admiraveis estes francezes! » volve de novo ao seu posto, e em santo ocio vae deixando correr o tempo até a hora do jantar. A' noite passea-se do largo de S. Francisco até a rua Direita, dirigem-se dichotes ás senhoras que vão passando, calumnia-se a reputação de pessoas respeitaveis, vae-se ao Alcazar, quando o ha, e finda-se a noite tomando alguma *cabelleira* n'uma espelunca vil.

*
* *

O abaixamento de temperatura que se tem notado do dia 21 a esta parte tem trazido a muita gente da sala para a cosinha. Logo ao anoitecer só se encontram vultos embuçados em compridos sobre-tudos, com o pescoço sumido nas dobras de ampla manta de lã. Ha pouco tempo queixavam-se todos do calor; agora só se ouve por toda a parte: Arre! que frio está fazendo!

Em algumas manhãs o thermometro centigrado tem marcado 15°. Não admira pois que muita gente ande resfriada.

Os confeiteiros têm-se regalado em vender pastilhas de jujuba, e alguns casos de dysenteria têm feito recorrer-se em grande escala ao classico remedio, conhecido pelo povo como « o remedio da sapateira,» e cujas virtudes são attribuidas á simaruba contida na dita preparação.

*
* *

Na sessão de 22 do corrente mez o deputado Oliveira Junqueira referio que alguns dos nossos diplomatas na Europa nem da lingua portugueza se recordam mais. Esta censura não devia ser feita. A lingua da diplomacia é a franceza, e por conseguinte não ha necessidade alguma de um ministro brasileiro saber o portuguez. Tambem não é preciso ter conhecimento do estado do Brasil. Basta saber-se dirigir um comprimento assucarado, e esticar a perna n'uma quadrilha, polka ou valsa.

*
* *

A guarda nacional da Côrte acha-se emfim alliviada do serviço da guarnição.

Tinhamos já tropa de linha na cidade, e os pobres guardas ainda aturavam o serviço com grande detrimento dos seus interesses. Afinal as reclamações da imprensa foram attendidas. Se os jornaes não fallassem n'isso, provavelmente o nosso paternal governo não se recordaria tão cedo de semelhante cousa.

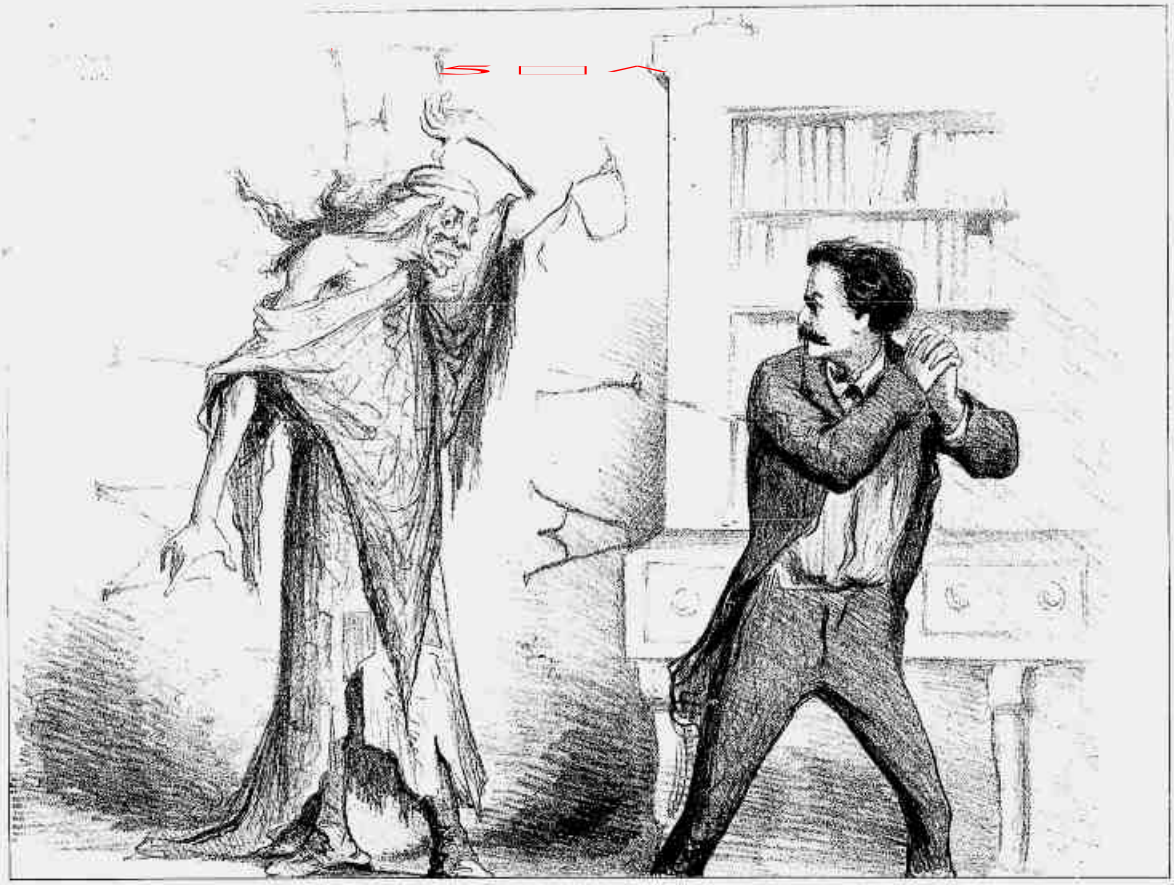
*
* *

A Escola União e Industria inaugurou uma feira de animaes no dia 25 do corrente.

E' de esperar que o uso das feiras venha a despertar a emulação entre os criadores de animaes, e os instigue a tratar do melhoramento das raças, principalmente da bovina, suina e cavallar.

Etelvino.

Typ. — Rua d'Ajuda n. 16. Rio de Janeiro.



Visão costuma do homem douto no Brasil (excepto se é sobrinho de algum tio, ou cousa que o valha).

Não tenha cuidado, meu amo, que nós não testamos melhor aos outros passageiros.